

Zélia Duncan completa 60 anos e recebe amigos

PÁGINA 2



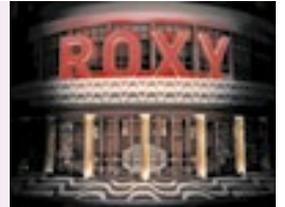
Cinema do Brasil perde Wladimir Carvalho

PÁGINA 15



Repaginado, Roxy une arte e gastronomia

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Ivan, o Incrível!

Ivan Lins tem seus grandes sucessos interpretados pela Orquestra MPB Jazz refida pelo maestro Renato Coelho

Daniel Ebendinger/Divulgação

Um dos mais aclamados compositores brasileiros retorna ao Theatro Municipal acompanhado pela Orquestra MPB Jazz

Por Affonso Nunes

Um dos compositores brasileiros de maior prestígio internacional e criador de harmonias sofisticadíssimas, Ivan Lins volta ao palco do Theatro Municipal na próxima terça-feira (29) acompanhado pela Orquestra MPB Jazz, sob a regência do maestro Renato Coelho, para repetir o show que lotou a mesma casa há um mês.

O músico que já teve criações interpretadas por gigantes do jazz como Ella Fitzgerald e Diana Krall e até pelo astro pop Sting apresenta versões orquestrais para grandes sucessos de sua carreira como “Madalena”, “Vitoriosa”, “Lembra de Mim”, “Vieste”, “Começar de Novo”, “Dinorah Dinorah” e “Novo Tempo”, para ficar por aqui.

Atualmente vivendo em Lisboa, Ivan acaba de fazer uma turnê pela Europa e nesse momento, está em São Paulo, preparando um álbum de músicas inéditas. A gravação do novo trabalho está sendo captada e vai se

transformar em um documentário sobre a trajetória do artista, previsto para ser lançado em 2025, ano em que ele completará 80 anos de vida e 60 de carreira.

“Esse encontro com o Ivan Lins foi inusitado. Nós tínhamos uma programação para realizar no Theatro Municipal do Rio, e nós íamos fazer um tributo a Frank Sinatra com um cantor de Los Angeles. Porém, teve um imprevisto de data, não deu pra conciliar. Então, mexendo no Spotify, o primeiro artista que apareceu pra mim foi o Ivan Lins. Pensei: Caramba, será que conseguimos fazer um show com o Ivan? Descobri o contato dele, tinha data disponível e começaram as negociações. Não havia arranjo nenhum para essa orquestra, resolvemos fazer tudo inédito, em relação aos arranjos (do Jessé Sadok e do Rafael Rocha). E agora, o projeto da orquestra

deu certo, chama-se MPB Jazz, que trabalha com os principais artistas da MPB, usando elementos do Jazz” - conta o maestro e produtor do show, Renato Coelho.

Vencedor de inúmeros prêmios internacionais, em 2005 recebeu o Grammy Latino na categoria “Melhor Álbum do Ano”, sendo o primeiro e único cantor/compositor de língua portuguesa a conseguir tal feito até hoje.

SERVIÇO

IVAN LINS & ORQUESTRA MPB JAZZ
Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia) | 29/10, às 19h
Ingressos: Frisa ou camarote – R\$ 350 (individual) | plateia – R\$ 350 | balcão nobre – R\$ 300 | balcão superior – R\$ 250 | balcão superior lateral – R\$ 220 | galeria – R\$ 200 | galeria lateral – R\$ 180

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Itamar Vieira Jr é um dos autores indicados

Prêmio Jabuti anuncia seus primeiros semifinalistas

O Prêmio Jabuti anunciou a primeira leva de indicados ao principal prêmio literário do país com uma lista de dez semifinalistas em cada uma de suas 22 categorias. A Companhia das Letras emplacou metade dos indicados em romance literário, com trabalhos de Socorro Acioli, Luciany Aparecida, João Silvério Trevisan, Martha Batalha e Fabia-

ne Guimarães.

A Todavia aparece com o último romance de Itamar Vieira Junior, "Salvar o Fogo", e o "Jogo de Armar" de Edgard Telles Ribeiro. Três editoras independentes completam a lista: Penalux e Faria e Silva (ambas de SP), com André Cunha e Jacques Fux, e a baiana Mondrongo com Carlos Mendes Valença.

Mais Jabuti

Novidades deste ano, as categorias separadas para romancistas e poetas estreados tiveram sucesso em pescar destaques de pequenas editoras que fazem trabalho minucioso e quase artesanal, como Patuá, Uru-tau e Reformatório.

Mais Jabuti II

O Jabuti será entregue em São Paulo, em 19 de novembro. Os vencedores de cada categoria levam R\$ 5 mil e o ganhador do prêmio principal, o de Livro do Ano, arre-mata a quantia de R\$ 70 mil e uma viagem à Feira de Frankfurt.

Adeus, Tarzan!

Ron Ely, que viveu Tarzan em série homônima da NBC (1966-1968), morreu aos 86 anos, em sua casa na Califórnia (EUA). A informação foi confirmada por sua filha, Kirsten Casale Ely. A causa da morte não foi divulgada. Ele era ator e escritor

Triste isso

Sean 'Diddy' Combs aumentou seus views em plataformas de música após acusações de agressão sexual e sua prisão em Nova York. O número de seguidores do rapper, preso desde setembro, teve um crescimento de 15% no Spotify.

Alê Catan/Divulgação



Zélia Duncan iniciou sua carreira musical aos 16 anos

De repente, 60!

Zélia Duncan comemora 60 anos no Circo Voador com um time de convidados

“O que pode ser mais louco do que completar 60 anos de repente? Você pisca os olhos e já deu mais passos do que poderia ter contado.” Com essas palavras a cantora e compositora Zélia Duncan descreve sua chegada aos 60. A comemoração rtem dia e hora marcados: neste sábado (26), a partir das 22h.

Em clima de festa, a artista promove um baile, ops um bailão (!), com as participações de amigos como Simone, Paulinho Moska, Isabela Taviani, Almério, Juliano Holanda, Ana Costa, Lucina e Dimitri Br. A discotecagem fica com o DJ Zé Pedro. A festa começa às 20h.

A opção de festejar no palco é pelo fato dela ter passado a maior parte da vida em cima de um. Aos 16, a niteroiense Zélia Duncan já se apresentava. A estreia dela como solista aconteceu no Botanic, no Rio, em 1987. Em pouco tempo foi incluída numa nova safra de cantoras que surgiu na década de 90, uma geração que trazia nomes como Adriana Calcanhotto, Cássia Eller e Marisa Monte.

Em 1994, saiu o CD “Zélia Duncan”, incluindo o hit “Catedral”, uma versão de Zélia para a canção original da alemã Tanita Tikaran. Essa versão em português revelou ao Brasil uma cantora grandiosa e é cantada até hoje nos quatro cantos do país.

Depois do álbum de estreia, Zélia Duncan manteve uma rica produção fonográfica e sempre contou com ricas parcerias junto a nomes como Mart'nália, Jacques Morelembaum, Paulinho Moska, Simone, Pedro Luís, Lenine e outros. Também fez bonito apresentando ao grande público pérolas deixadas pelo genial e saudoso Itamar Assumpção (1949-2003).

Sob a lona do Circo Voador, a cantora protagonizou noites inesquecíveis como na sua última passagem por lá quando dividiu o palco com o parceiro e amigo Paulinho Moska na turnê “Um Par Ímpar”, show que evidenciou ainda mais a amizade e o entrosamento entre os dois.

SERVIÇO

ZÉLIA DUNCAN - BAILÃO ZD60

(Part.: Simone, Paulinho Moska, Isabela Taviani, Almério, Juliano Holanda, Ana Costa, Lucina e Dimitri Br) | Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) 26/10, a partir das 20h (abertura dos portões) Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

Vanessa da Mata avisa que 'Vem Doce'

Cantora e compositora leva show da turnê de seu último disco ao Vivo Rio

Vanessa da Mata se dedica à música há quase 30 anos, tendo emplacado sucessos que marcaram gerações. É uma das principais cantoras brasileiras, compositora assídua, produtora e arranjadora. Em "Vem Doce", seu disco mais recente, a artista assumiu todas essas funções em um álbum indicado ao Grammy Latino e que motiva sua turnê nacional e internacional em 2024 que volta neste sábado (26) ao palco do Vivo Rio.

"Vem Doce" traz 13 faixas inéditas e contempla diferentes gêneros e parcerias, como João Gomes, com quem Vanessa da Mata canta "Comentário A Respeito de John", re-

gravação de Belchior, além de Marcelo Camelo, L7NNON e Ana Carolina. O álbum é sucesso de público e crítica, sendo indicado ao Grammy Latino na categoria Melhor álbum de música popular brasileira. Agora, Vanessa da Mata leva o novo trabalho para todo Brasil.

Dividido em três atos, o novo show tem direção assinada por Jorge Farjalla e apresenta a artista revisitando sua trajetória pessoal e musical. Vanessa une as novas canções aos títulos clássicos de sua carreira, agora reimaginados para o contexto criativo do projeto. Cada um dos atos conta com um cenário diferente, inspirados por grandes nomes do



Priscila Prade/Divulgação

Vanessa da Mata revisita a trajetória musical e mostra as faixas de seu disco mais recente

SERVIÇO

VANESSA DA MATA - VEM DOCE
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 26/10, às 21h | Ingressos a partir R\$ 60 (meia) R\$ 120

modernismo brasileiro, como Oswald de Andrade, Lina Bo Bardi, Hélio Eichbauer, entre tantos outros. Além de cantar, Vanessa

se dedica à pintura e à literatura, tendo lançado em 2013 "A Filha das Flores", seu primeiro romance.

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Daniel Ebendinger/Divulgação



Obras de Mozart

A Orquestra Petrobras Sinfônica realiza concerto neste sábado (26) no Theatro Municipal com a participação do maestro Fabio Mechetti, regente da Filarmônica de MF e da Orquestra de Jacksonville (EUA). O repertório é composto por grandes obras da música de concerto, como a Sinfonia nº 31, "Paris", de W. A. Mozart e a Sinfonia nº 4, "Romântica", de Anton Bruckner, em celebração ao bicentenário do compositor.

Nando Chagas/Divulgação



Noite de jazz

O recém-inaugurado Musicorum, em Botafogo, recebe neste sábado (26), às 21h, o guitarrista Ricardo Silveira e seu trio formado por Vanessa Rodrigues (órgão) e Renato Massa (bateria). Um dos grandes nomes da música instrumental brasileira, o músico celebra aniversário e os 10 anos do álbum "Ricardo Silveira Organ Trio", lançado pela gravadora Adventure Music no mercado internacional.

Divulgação



Clássicos eternos

O cantor e ator Daniel Boaventura traz ao palco do Vivo Rio nesta sexta (25), às 21h, o show "Best Part of The Show", que estreou com sucesso há um ano no México. O repertório ultrapassa fronteiras geracionais, incluindo as interpretações de Daniel para clássicos de Frank Sinatra, Elvis Presley e Barry White. Dono de voz marcante e presença de palco cativante, Daniel promete uma apresentação com energia e interação com o público.

Divulgação



Tributo a Whitney

Vencedora do The Voice Brasil 2016, Mylena apresenta nesta sexta (25), a partir das 19h30, o show "Tributo a Whitney Houston" no Teatro Rival Petrobras. Acompanhada de banda, a cantora avisa que levará ao palco os maiores hits de Whitney, morta em 2012, como "I Wanna Dance with Somebody", "I Have Nothing", "Queen of the Night", "The Greatest Love of All", "Run to You", "I'm Every Woman" e, claro, "I Will Always Love You".

Pitadas de Anelis na Lagoa

Cantora e compositora se apresenta no pôr do sol nos jardins da Casa Eva Klabin

O projeto Pôr do Sol, da Casa Museu Eva Klabin, traz a cantora e compositora paulistana Anelis Assumpção com seu mais recente trabalho, “Pitadas de Sal” aos jardins do charmoso espaço cultural da Lagoa.

Autoral, intensa e coletiva, a apresentação contempla as diferentes sonoridades da trajetória de Anelis, filha do genial Itamar Assumpção (1949-2003). Em formato intimista, tendo a companhia do multi-instrumentista Saulo Duarte, Anelis mostra sua musicalidade afro-brasileira.

O show segue a proposta de seu álbum mais recente, “Sal”, produzido por ela, pelo marido, o músico Curumim, e por nove mulheres cantoras e compositoras, cada uma responsável por uma faixa: Thalma de Freitas, Céu, Ava Rocha, Liniker, Tulipa Ruiz, Iara Rennó, Luz Marina, Marina Peralta, Marcelle e Gustavo Ruiz, além de uma composição inédita de sua irmã, Serena.

Compositora, percussionista e intérprete, Anelis convive desde sempre com a música, seja



Divulgação

Anelis teve a colaboração de várias compositoras no álbum

acompanhando a banda do pai seja como integrante da Banda Dona Zica, forte referência da

nova música paulistana. Como artista independente, lançou quatro álbuns: “Sou

Suspeita, Estou Sujeita, Não Sou Santa” (2011); “Amigos Imaginários” (2014) – que lhe rendeu

o prêmio Deezer de Artista do Ano (2014) e o prestigiado prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte); “Taurina” (2018), melhor disco do ano e melhor capa pelo Prêmio Multishow 2018; e “Sal”, considerado um dos melhores álbuns de 2022 e que recebeu o prêmio de Melhor Produção Musical do ano pela APCA.

Atualmente, Anelis também é Diretora Geral do Museu Itamar Assumpção, primeiro museu virtual de um artista negro brasileiro, e seu livro ‘Serena Finitude’, lançado pela Oh! Editora, o selo infanto-juvenil da Editora Veneta, foi considerado um dos 30 melhores livros infantis de 2022. Em fevereiro, Anelis lançou seu primeiro single em francês, “Encore Un Tour”, um movimento de encontro com os países francófonos da diáspora africana.

SERVIÇO

ANELIS ASSUMPÇÃO
Casa Museu Eva Klabin
(Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa) | 26/10, às 17h
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

CRÍTICA / DISCO / COISAS GUARDADAS PRA TE DAR - LUIZ CARLOS DA VILA INÉDITO

Por Aquiles Rique Reis*

Salve Luiz Carlos da Vila!

Emocionadamente, hoje vamos de Coisas Guardadas Pra Te Dar – Luiz Carlos da Vila Inédito – Cláudio Jorge e Augusto Martins (independente). Eis algumas das 12 músicas do álbum que você ouve aqui: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/3EWnvWK-MEWHZqtve9INPSQ>

“Outras Bandas” (Luiz Carlos da Vila), samba com letra malandrinha, cantado e levado pelo violão de Claudio Jorge com um improviso esperto, abre a tampa. Tocando violão e dando um recado bem-humorado, Da Vila enviou a música numa fita para Augusto. Dela foram sacados o seu violão e a sua voz, manipulados com ajuda da inteligência artificial.

Em meio a samba-enredo e partido alto, passando por samba de

quadra, pelos chamados sambas de “meio de ano” e MPB, bem como por alguns sambas clássicos, encontramos “No Meio da Ponte” (Celso Viáfara e LCV), uma linda canção. A guitarra de Cláudio, ele que fez todos os arranjos do CD, conduz a harmonia de Viáfara. A letra de Da Vila traz belas imagens, cantadas em duo por Augusto e Cláudio. O tamborim de Cláudio e o ganzá de Augusto somam-se à guitarra e, na segunda parte, se dão a um samba lento. Belo momento!

“Pipa Voada” (Moacyr Luz e Luiz Carlos da Vila) traz o subúrbio à luz. As pipas que no céu de cruzam e se afastam, numa alegoria sobre um amor acabado, estão neste samba com o jeitão carioca



Divulgação

de Moacyr Luz. O violão e o tamborim de Cláudio vêm somados ao pandeiro de Augusto e sob os auspícios das vozes da dupla.

O samba jazz “A Regra do Jogo” (Miltinho-MPB4, Sergio Farias e Luiz Carlos da Vila) soa pela voz e, desta vez, pela guitarra de Cláudio Jorge. A boa letra de LCV se en-

caixa sob medida na composição. Complementam a levada o pandeiro e o caxixi de Augusto Martins e o tamborim de Cláudio – além da gaita de Israel Meirelles, cuja escolha como solista fez dela a cereja do bolo do arranjo de Cláudio.

“Eu Vim Pra Te Amar” (Cláudio Jorge e Luiz Carlos da Vila) é uma valsa (a criatividade dupla não tem limitações) na qual Cláudio Jorge produziu a cama para Da Vila “viajar” em referências poéticas. O violão abre. Em sua beleza, a valsa ecoa luminosa, num álbum já pleno de riquezas guardadas há tempos pelo gigante Luiz Carlos das Vilas – saudades! Mas porquê “Das Vilas”? Explico: morador de Vila Isabel, LCV passou a visitar a

Vila Mariana, em São Paulo, onde eu morava; lá nos reencontramos e “bebemoramos”, daí...

“Pagode de Mesa” (Luiz Carlos da Vila): depois de palmas de mão, vêm os improvisos citando fatos históricos. Ora, já que logo a tampa do álbum fechará, faço questão de frisar que o texto do jornalista Hugo Sukman (ele que, além de gravar a locução deste pagode, descreveu todas as faixas de Coisas Guardadas Pra Te Dar – Luiz Carlos da Vila Inédito – Cláudio Jorge e Augusto Martins) serviu-me de base para anotar este texto-exaltação ao samba e aos sambistas brasileiros, na pessoa do saudoso Luiz Carlos da(s) Vila(s).

PS. Quando crescer, eu quero escrever ao menos parecido com Hugo Sukman.

*Vocalista do MPB4 e escritor

CONVOCATÓRIAS

SESC RJ PULSAR

24 / 25

CHEGOU A SUA HORA DE SE APRESENTAR NO SESC RJ

Estão abertas as inscrições das **Convocatórias** para os projetos: **O Corpo Negro-Indígena** e **Baixada em Foco**. Inscreva seu projeto!

INSCRIÇÕES GRATUITAS

BAIXADA EM FOCO E O CORPO NEGRO-INDÍGENA

Inscrições prorrogadas até
as 17h do dia 4/11/2024
Resultado: 27/11/2024

Acesse o edital completo no site:

www.sescrj.org.br/edital-de-cultura-sesc-rj

Faça a sua inscrição em:

www.editaldecultura.sescrj.org.br/login



Música • Teatro • Dança • Circo • Artes Visuais • Audiovisual • Literatura

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Há espetáculos raros, capazes de contar uma história, no modelo de aristoteliano - com começo, meio e fim -, construir um tema em voga de forma muito particular e inteligente. E, ao mesmo tempo, entregar uma encenação com todos os elementos de artes performáticas em perfeita harmonia: luz, atuação, figurinos, cenário, trilha sonora. E tudo isso com apoio de um texto com tempo correto, inteligente, com diálogos rápidos. “És tu, Brasil?”, em cartaz no Futuros - Arte e Tecnologia, é uma dessas epifânias de ótimo teatro.

O premiado ICOMUM Coletivo, fundado por Fernando Nicolau, diretor e iluminador da montagem que tem a dramaturgia assinada por Thiago Scarpat, compôs em elenco para contemplar a matriz étnica deste país, oferecendo à cena quatro intérpretes, que desempenham com total eficiência muitos papéis e que remontam à pluralidade do Brasil: Giovanna Nader, Igor Pedroso, Lucas Sampaio e Luiza Loroza.

Assim, o encontro destes corpos e matrizes geram narrativas e símbolos que, munidos do vocabulário socioambiental (povos originários, elevação do nível do mar, aumento de temperatura global, racismo ambiental), revisam as histórias do Brasil e revelam a própria trajetória plural e contraditória desta nação.

Giovanna – que, além de atriz, é uma das maiores comunicadoras socioambientais do país, influenciadora digital e ativista climática – retorna ao teatro após sete anos neste espetáculo, do qual é idealizadora junto de Fernando e Thiago. Como todos, Giovanna nos aponta para a emoção dos sustos, das perplexidades, das raivas, das descobertas que podemos ter de um verdadeiro Brasil.

As vozes que ouviremos sobre o processo criativo e seu significado vem dos quatro atores que falaram com exclusividade ao Correio respondendo, cada um,

as mesmas perguntas.

Como foi o processo de criação dos personagens para “És tu, Brasil?”

IGOR PEDROSO - Foi intuitivo, real, aberto, com muitas vivências pessoais conectadas ao texto e de trocas com o coletivo para chegarmos em lugares que

fizessem sentido para o processo. Sempre buscando referências que fossem próximas a mim e a minha realidade, do passado e do presente. Intenso, vulnerável e desafiador.

LUCAS SAMPAIO - Para mim, o processo foi uma terra fértil para minha imaginação, desejos, inquietações, experimentações e pesquisas. Tudo isso aliado ao pro-

cesso da sala de ensaio, encontros, repetições e provocações fizeram com que, de fato, nascessem os(as) personagens.

GIOVANNA NADER - Foi bastante intenso, uma grande busca em personagens reais do nosso Brasil profundo.

LUIZA LOROZA - Primeiro e principalmente, no meu caso - se

A História que a História não conta

“És Tu, Brasil?” combina com maestria todos os bons elementos para se fazer e entregar um bom teatro ao público



Igor Pedroso, Lucas Sampaio, Giovanna Nader e Luiza Loroza integram o elenco de “És Tu, Brasil?”

Divulgação

deu na sala de ensaio, na relação com os colegas e as provocações do diretor. Me senti bastante livre para propor caminhos extracotidianos e muito desafiada a encontrar uma voz, uma estrutura corporal, um tempo específico pra cada um dos 12 personagens. Também busquei, com a ajuda da direção referências de pessoas reais, tais como Estamira, Stella do Patrocínio, e também referências da ficção como Bibiana de Torto Arado.

O que você sente ao fazer a cena da Carta de Pero Vaz de Caminha, em especial quando diz a frase “Vocês não pediram licença”?

IGOR PEDROSO - Sinto raiva; sentimento o qual transformo em força para contar essa história.

LUCAS SAMPAIO - Licença é uma palavra muito nobre para mim. Nesse momento, sempre me lembro o quão o passado construiu e constrói o presente em que vivemos. Lembro dos meus ancestrais.

GIOVANNA NADER - Me sinto triste, envergonhada, ao mesmo tempo com raiva. Ali temos a noção de que o país foi construído desde o início em cima do genocídio dos povos originários.

LUIZA LOROZA - Uma grande contradição habita meu ser. Ao mesmo tempo um terror de trazer ao palco a história nua e crua de povos dizimados e escravizados, a euforia de encenar de forma a tensionar os acontecimentos num jogo intenso com os atores, o som, a luz e o palco - uma triste conclusão que justifica os caminhos do Brasil até aqui. O Brasil começa (sob o ponto de vista do colonizador) na invasão, na destruição - mas essa terra aqui é ancestral, tem raiz.

SERVIÇO

ÉS TU, BRASIL?

Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 – Flamengo)

Até 27/10, se sexta a domingo (19h) | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia-entrada / meia-entrada solidária, doando 1 Kg de alimento não-perecível)

CRÍTICA / TEATRO / TOM JOBIM MUSICAL

Que maravilha viver!

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Nascido na Tijuca, uma vida de romance. O pai, de importante família gaúcha, foi escritor, diplomata, professor e jornalista. A mãe, de ascendência indígena, ah! Separada, muda-se para Ipanema. O encontro com o mar, os peixes, o passarinho. Um padraço que lhe dá um piano. O curso de arquitetura. Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, uma vida musical, o maior compositor do Século 20. Essa é a história de Tom Jobim, o Musical, produção impecável, emoção contínua.

A junção entre duas super produtoras, Bonus Track (Madonna, Paul McCartney) e Bárbaro!Produções (Hebe, Elvis, Donna Summer), apresenta um espetáculo grandioso em todos os sentidos. Figurino, elenco, música, luz, cenário, texto e direção. Está tudo lá, nada falta, nada excede na direção

de João Fonseca que reúne todos os elementos do musical - atuação, música e dança - para compor uma verdadeira ópera popular com os fatos e as canções de Tom Jobim.

O texto de Nelson Motta e Pedro Brício consegue fazer uma linha de tempo, com diálogos curtos e condensados, com as músicas se encaixando perfeitamente, transformando cada episódio em uma narrativa com começo, meio e fim. A condução é cinematográfica pois a construção se dá com a ligação entre os fatos anteriores e posteriores, com a dramaturgia ágil, mas carregada de emoção.

A direção permite que o personagem condutor - Vinicius de Moraes, interpretado por Otávio Müller - funciona como duplo, a voz do mestre, apresentador. Os protagonistas assim como o conjunto, tota-

Divulgação



Elton Towersey dá vida a Tom Jobim no palco

lizando 29 talentos, que alcançam e se encaixam em um espetáculo com muitíssimas trocas de figurinos, adereços, perucas é de uma competência ímpar.

“Tom Jobim Musical” apresenta consistência já no título. Não é Tom Jobim, o Musical. É Tom Jobim, a própria música. Além da grande e justa homenagem, a cena da morte, no dia 8 de dezembro, dedicado a Nossa Senhora da Conceição, a Mamãe Oxum que nos levaram o nosso maior compositor, de Ipanema, dos pássaros, da mata, dos peixes, mas que nos deixou a enorme alegria de suas canções. “Tom Jobim Musical” nos emociona do começo ao fim.

SERVIÇO

TOM JOBIM MUSICAL

Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Leblon)

De 17/10 a 15/12 e de 2/1 a 23/2, quintas e sextas (20h), sábados e domingos (15h e 19h)

Ingressos: Plateia VIP e camarote - R\$ 320 e R\$ 160 (meia) | Plateia Setor I - R\$ 280 e R\$ 140 (meia) | Balcão - R\$ 42 e R\$ 21 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Ô Abre alas!

Divulgação



Dança na Maré

Sede da Escola Livre de Dança da Maré e da Lia Rodrigues Companhia de Danças, o Centro de Artes da Maré, na Nova Holanda, abriga uma mostra gratuita com trabalhos coreográficos de artistas de diferentes partes da cidade, seguida de conversas sobre as obras. A Mostra de Danças vai reunir até domingo (27) trechos de oito criações contemporâneas, algumas delas com grande sucesso de crítica e de público como “Noite das Estrelas”, do coletivo Entidade Maré e encenada em 2023 - indicada ao Prêmio Shell de Teatro deste ano -, que abre o evento.

A Sala Cecília Meireles apresenta nesta sexta (25), às 19h, e no sábado, às 16h, o espetáculo cênico-musical “Abram Alas para Chiquinha e Nazareth”, nas comemorações dos 15 anos do Musica Brasilis. O espetáculo traz composições de Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth, com concepção de Rosana Lanzotte, texto de Ruy Castro e coreografia de Dalal Achar. O espetáculo surgiu quando Rosana teve ideia de encomendar a Ruy Castro o texto da conversa entre eles, revividos por um ator e uma atriz.

Divulgação



Divulgação



Loucuras em Copa

Em cartaz no Teatro Candido Mendes, “As Loucas de Copacabana”, texto de Gugu Olimecha (1942-2014) com direção de Pia Manfroni, recebe nesta terça (29) a participação especial de Marcos Oliveira, o Beijola da Grande Família. A trama apresenta um triângulo amoroso com situações inusitadas. Nádia (Narjara Turetta), esposa de Paulão (Danton Lisboa), tem como amante Efigênio (Guilherme DelRio). A trama esquenta quando, Efigênio tem que ficar na casa onde mora o casal e precisa disfarçar seu caso, com a ajuda de Simone (Rose Scalco), uma terapeuta sexual.

SHOW**OS GAROTIN**

*O trio de São Gonçalo volta ao Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº) com seu repertório autoral repleto de soul music e R&B. Sex (25), às 22h. Esgotado

PEDRO BABY CONVIDA

*O guitarrista apresenta uma prévia de seu novo trabalho tendo como convidados Jorginho e Didi Gomes e participação especial da mamãe Baby do Brasil. Sáb (26), às 20h e 22h30, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

SANDRA PÊRA CANTA BELCHIOR

*Cantora, compositora, atriz e diretora, a ex-Frenática interpreta uma seleção de clássicos do bardo cearense. Dom (27), às 17h, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

NIGHT GROOVES

*A banda carioca e apresenta o espetáculo "Cinema em Jazz", com releituras de marcantes trilhas sonoras das telonas. Sex (25), às 20h, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

TODO O BRILHO DE ELTON JOHN

*Tributo ao cantor, compositor, pianista britânico, um dos maiores artistas do planeta. Com arranjos bem trabalhados e respeitando os originais, o grupo The Jets apresenta sucessos como "Your Song", "Rocket Man", "Skyline Pigeon" e "Tiny Dancer". Sex (25), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). Entre R\$ 50 (meia) e R\$ 120

TOTO COVER BRASIL

*De "África" a "Rosanna", a banda apresenta os maiores sucessos da lendária banda Toto. Sex (25), às 20h, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

HUMOR**TARJA PRETA**

*O comediante Diogo Almeida apresenta uma versão especial de seu show dedicada ao Mês dos Professores, com um texto repleto de piadas sobre o dia a dia nas escolas e uma verdadeira sessão de terapia coletiva sobre os perrengues que todo professor passa. Sex (25), às 21h, e sáb (26), às 20h, no Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). A partir de R\$ 60



A Lira dos Vinte Anos

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Os Garotin

TEATRO**ELIS, A MUSICAL**

*Um passeio pela trajetória artística e pessoal da inesquecível cantora com interpretação das atrizes/cantoras Laila Garin e Lilian Menezes. Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 40). Até 3/11. qui e sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h e 19h). Entre R\$ 21 e R\$ 280

A LIRA DOS VINTE ANOS

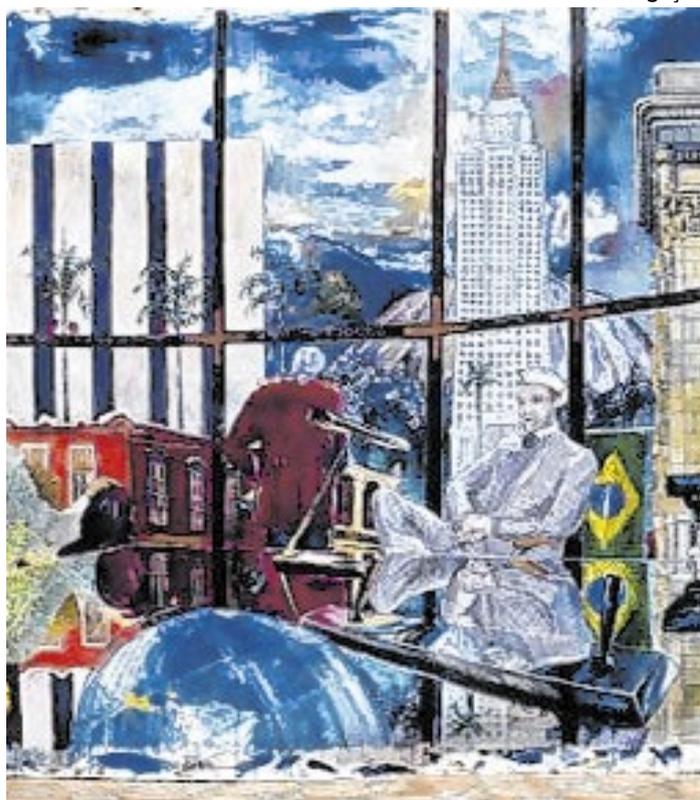
*Baseado no texto teatral de Paulo César Coutinho, o espetáculo resgata a memória dos estudantes, trabalhadores, artistas e de todas as corajosas vozes durante a ditadura militar. Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes - 824). Até 27/10, sex (19h), sáb e dom (15h e 19h). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Marcelo Rodolfo/Divulgação



Viva O Povo Brasileiro (De Naê a Dafé)

Divulgação



Fullgás - Artes Visuais e Anos 80 no Brasil

Divulgação



Judy - O Arco-Íris é Aqui

JUDY - O ARCO-ÍRIS É AQUI

✦ Em atuação memorável, Luciana Braga vive a diva hollywoodiana Judy Garland no premiado solo musical criado e dirigido pelo talentosíssimo Flávio Marinho. Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso) Até 29/11, qua e qui (19h30) e sex (17h). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

NEBULOSA DE BACO

✦ O espetáculo traz à cena duas mulheres atrizes expondo a "confusão" de serem elas mesmas, mas também de serem outras, inventadas, atrizes vivendo outras realidades. Teatro I Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Até 24/11, qua a sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Divulgação



The Jets - Todo o Brilho de Elton John

Carolina Spork/Divulgação



A Palavra que Resta

VIVA O POVO BRASILEIRO (DE NAÊ A DAFÉ)

✦ Adaptação teatral do multipremiado romance do escritor baiano João Ubaldo Ribeiro (1941-2014) que atravessa séculos de nossa história na ótica de mulheres guerreiras e sofridas. Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes). Até 3/11, às quintas e sextas (19h) | sábados e domingos (17h). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

A PALAVRA QUE RESTA

✦ O texto teatral do autor cearense Stenio Gardel se transforma em poema nesta montagem de Daniel Hewrz que traz o retorno da Cia Atores de Laura aos palcos cariocas. Teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, 20). Até 2/11, de qui a sáb (19h). Entre R\$ 15 e R\$ 80

UM LUGAR ONDE A VIDA ACONTECE

✦ Neste monólogo a atriz Helena Varvaki e dramaturga reúne vivências suas e também de mulheres que estão chegando à casa dos 60 anos, revelando no palco suas angústias e expectativas. Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 22/12, de qui a sáb (20h) e domingos (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

EXPOSIÇÃO**MARTA ARRUDA: 40 ANOS DE ESCULTURAS**

✦ A artista plástica alagoana Marta Arruda transforma a dureza do material bruto em obras singulares de metal através de suas esculturas abstratas e painéis. Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38, Centro). Até 1/12, de ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Grátis

FULLGÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 NO BRASIL

✦ Exposição coletiva apresenta mais de 300 obras de mais de 200 artistas de todas as regiões do país, além de documentos e objetos, que dão um panorama da década do que era o Brasil durante a década de 1980. Até 27/1, de qua a seg (9h às 20h). CCBB-RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

ARTE DE CÓDIGO ABERTO

✦ O artista visual carioca Vamoss liberou os códigos de suas obras digitais para permitir a interação com os visitantes da exposição por meio de QR Code. Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40 - Centro). Até 25/10, de seg a sex (10h às 18h). Grátis

DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO

✦ O artista plástico Edmilson Nunes apresenta trabalhos de sua produção mais recente, feitos desde 2022. Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500 - Copacabana - dentro do Real Residence Hotel). Até 31/1, de segunda a sexta (12h às 17h). Grátis

INFANTIL**OS TRÊS PORQUINHOS, UAI!!!!**

✦ A montagem propõe uma abordagem leve e divertida do clássico literário, valorizando aspectos identitários brasileiros. Teatro dos Quatro (R. Marquês de S. Vicente, 52). Sáb e dom (16h). até 27/10. R\$ 90



A moda alemã de fazer rir... pela dor

Divulgação



Lars Eidinger (ao centro), hoje um astro em ascensão na Alemanha, vive um maestro em crise em 'Dying'

Premiado em múltiplas frentes na Berlinale com 'Dying', o diretor Matthias Glasner impõe seu talento no pódio das vozes autorais do cinema europeu retratando fins e recomeços

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Produções germânicas de grife autoral se espalham pela grade da 48ª Mostra de São Paulo como "De Hilde, Com Amor" (segunda, às 17h30, no Espaço Augusta 2) e "A Arte do Caos" (domingo, às 18h, no Cinesystem Frei Caneca 6), numa diversidade que ressalta a atual saúde criativa da Alemanha nas telas, com destaque especial para "Dying – A Última Sinfonia", que periga ser a maior joia produzida por aquela filmografia em 2024. Ligações e mensagens de whatsapp contínuas mobilizam o celular de seu realizador, Matthias Glasner, desde fevereiro, quando seu estonteante longa-metragem (chamado "Sterben" em sua língua natal) foi exibido na disputa pelo Urso de Ouro de 2024.

A procura por ele – até de colegas cineastas com quem nunca

tivera contato antes - aumentou depois que ele foi agraciado com o Urso de Prata de Melhor Roteiro no Festival de Berlim, após conquistar a láurea do Sindicato de Exibidores de Filmes de Arte da Alemanha e o Prêmio de Júri Popular dos leitores do "Berliner Morgenpost". Aos 59, o diretor egresso de Hamburgo passou a ser encarado como "A" promessa de uma indústria consagrada, sobretudo nos anos 1970, pelas vozes autorais de Wim Wenders, Volker Schlöndorff, Margarethe von Trotta, Rainer Werner Fassbinder e Werner Herzog. Dos anos 2000 para cá, Maren Ade ("Toni Erdmann"), Christian Petzold ("Undine") e Fatih Akin ("O Bar Luva Dourada") se juntaram a esses medalhões, que, via Áustria, tiveram Michael Haneke (de "A Fita Branca") e Ulrich Seidl ("Paradise: Faith") como expoentes.

Glasner vai exibir sua pérola sobre finitude(s) na maratona paulistana neste domingo, às

20h40, no Reserva Cultural 1, com mais duas sessões, uma no dia 29 (15h, no CineSesc) e outra no dia 30 (16h, no Esp. Augusta).

Desde a consagração em Berlim, ele anda reticente com a badaladação. "Não tenho amigos cineastas e não sou muito ligado ao que os alemães fazem no cinema. Não é desrespeito. Primeiro de tudo: eu tenho filhos. Meu tempo é deles. Depois, ando bem mais instigado por experiências filmicas de outros territórios, como é o caso do cinema japonês. Um outro exemplo é 'Parasita', um filme da Coreia do Sul com muitas camadas. Mas tenho visto minhas conterrâneas fazerem longas de muito rigor estético. A mirada feminina hoje nas telas da Alemanha é muito forte", disse Glasner ao Correio da Manhã, logo após a projeção das três horas e três minutos de sua comédia dramática.

Em "Dying", "Sterben" é o nome de uma peça sinfônica que o maestro Tom Lunies (Lars Eidin-

ger, em devastadora atuação) está ensaiando a partir de uma composição feita por seu melhor amigo, o deprimido Bernard (Robert Gwisdek). Sua vida anda maluca, não apenas com seus amores (entre eles sua namorada cheia de desejo, e bem mais jovem), mas também com a ex-mulher, que acaba de ter um filho. Todos acreditam que o regente não é o pai da criança, mas ele a registra apesar de tudo. O chamado da paternidade acontece num momento de loucura em sua família. Sua mãe, a septuagenária Lissy (Corinna Harfouch), parece ficar feliz quando vê seu marido, Gerd (Hans-Uwe Bauer), definhando no hospital, num processo de demência. A sensação de liberdade que ela tem ao "se livrar" dele termina quando ela passa a ser acometida, subitamente, por uma série de problemas: diabetes, insuficiência renal, perda de visão. Um diagnóstico de câncer vem coroar seus infortúnios. Nesse momento de calvário de Lissy, sua filha, Ellen

(Lilith Stangenberg), engata um caso com um dentista casado com quem partilha a paixão pelo álcool e pela embriaguez. Nessa ciranda nefasta, essas pessoas terão de reaprender a se amar.

"Eu fiz um filme sobre a solidão, com base na rotina de pessoas que se sentem desconfortáveis com várias questões pessoais. Eu mesmo sinto desconforto com o processo do cinema, menos com o set em si. Meu empenho aqui era quebrar com as ditas convenções do cinema alemão, de narrativas frias e afetivamente distanciadas, e fazer um filme empático, acolhedor, capaz de mostrar que a antessala de espera pela morte pode ter situações divertidas", disse o cineasta, que fala com bom humor dos critérios da escalção de Eidinger. "Eu não o conhecia antes, mas gostei do modo com que ele se expressa em entrevistas, do que fala. Fora isso, quando a gente se conheceu, percebi que ele não é daquelas pessoas que cultuam um otimismo tolo. Não se levanta comemorando a vida. Assim como eu, ele fala: 'Oh! Mais um dia pela frente'. Filmamos coisas muito malucas, a partir dessa conexão. Algumas, mais barra pesada, não entraram na versão exibida na Berlinale, mas vão para a versão para a TV, em forma de minissérie, com uma hora a mais, que eu estou preparando".

Conhecido por filmes ("O Desejo Liberado") e séries como "Das Boot", Glasner começou sua carreira em 1987, em busca de tramas que escapem do moralismo.

"Hoje ninguém mais parece ter coragem de fazer filmes sobre adultos, para adultos", disse o cineasta. "Eu liguei duas câmeras, deixei minhas atrizes e meus atores de 'Dying' criarem com liberdade e, às vezes, a verdade aparecia num take único. Tive ainda a alegria de poder deixar cinco minutos de música clássica, sem cortes, na tela".

ENTREVISTA / AGNÈS JAOUÏ, ATRIZ E CINEASTA

'Tenho um lugar nas telas hoje graças à insistência'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Logo que pisou em Cannes, em maio, para promover a estreia de “Esta Minha Vida” (“Ma Vie Ma Gueule”) na Quinzena de Cineastas, sua estrela - a atriz, dramaturga, cantora e cineasta indicada ao Oscar Agnès Jaoui - sentiu o peso do luto pela morte da realizadora desse belo filme que a Mostra de São Paulo projeta nesta sexta-feira, às 15h, no CineSesc: Sophie Fillières (1964-2023). Ela morreu sem ver o longa-metragem ser concluído. A finalização foi feita por colaboradores da diretora e Agnès acompanhou o processo de perto.

Nascida em Antony, na França, há 60 anos, essa multiartista europeia já chamou a atenção do Brasil de muitas formas, entre elas um vídeo no YouTube cantando “Olhos nos Olhos”, de Chico Buarque, em português (com sotaque). Antes dele, seu nome destacou-se aqui em montagens de peças e na projeção em circuito de “O Gosto dos Outros” (2000), que lhe rendeu uma indicação à estatueta de Hollywood. Sob a direção de Fillières, ela construiu uma performance que brilhou na Croisette.

Não por acaso, Cannes conce-



Agnès Jaoui canta ‘Olhos nos Olhos’ num vídeo do YouTube e prepara uma faixa de seu novo disco com canção de Chico Buarque

deu uma láurea, o Prêmio SACD, a “Esta Minha Vida”, que volta a ser exibido na Mostra no sábado, às 17h, no Reserva Cultural SP, e na segunda, às 20h50, no Espaço Augusta.

Nele, Agnès vive Barberie Bichette, conhecida por todos como Barbie. Seu dia a dia sempre foi vitorioso. Bonita e inteligente, ela é uma boa mãe, uma amiga dedicada e uma grande amante. Ao chegar aos 55 anos, ela sente o peso da idade, num reflexo do etarismo do povo francês. Tudo o que anteriormente parecia equilibrado se desfaz, deixando as coisas mais obscuras, violentas e até mesmo absurdas. Passa então a se sentir à beira de

“Estreei como cineasta em uma fase difícil para nossas telas, quando não havia muito interesse do público pelo que fazíamos”

Agnès Jaoui

um ataque de solidão. Na entrevista a seguir, concedida ao Correio da Manhã à beira da praia, na orla cannoise, La Jaoui fala sobre os atuais projetos que tem e de sua conexão com o Brasil.

Qual é o retrato que “Esta Minha Vida” pinta da realidade feminina francesa de hoje?

Agnès Jaoui: É uma história sobre desconexão. Vivo uma personagem assolada por problemas psicológicos que está buscando seu lugar no mundo. Sophie Fillières, no set, usou muito o plano-sequência para permitir que o público pudesse entender aquela figura em detalhes, na plenitude de sua expressão.

Divulgação

Não tinha improvisação, da minha parte, com o roteiro.

“Esta Minha Vida” abriu a Quinzena de Cannes, demarcando a força do cinema francês atual, cinema este que se renovou, aos olhos da cultura pop, em 2000, com o seu “O Gosto dos Outros”. Em que pé está essa indústria hoje?

Eu estreei como cineasta em uma fase difícil para nossas telas, quando não havia muito interesse do público pelo que fazíamos. Havia órfãos da Nouvelle Vague, que ainda se fiavam em estéticas dos anos 1960, mas não havia um novo Alain Delon para eles. Como havia um subsídio do governo para estimular a produção, eu segui fazendo, com meus parceiros de criação. Tenho um lugar nas telas hoje graças à insistência.

Onde é que o Brasil, que sempre exhibe seus filmes, entra no seu afeto?

Vou gravar uma faixa no meu novo disco cantando Chico Buarque. Trabalhei pouco tempo num filme brasileiro, chamado “O Crime do Músico”, rodado em Santa Catarina. É a história de um jovem, filho de agricultor, que se encanta pela flauta e passa a experimentar uma realidade diferente daquela que veio. Eu faço uma especialista em ópera. Aqui na França, tem outros projetos a caminho, além desse álbum. Escrevi um roteiro novo, que, como é comum na minha filmografia, terá vários personagens. Estou ainda preparando um livro.

Jazidas nas telas paulistanas

Um mapa da mina das atrações imperdíveis da Mostra de SP neste fim de semana



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Habemus Mostra de São Paulo até quarta-feira que vem, totalizando 400 títulos de uns 80 países, com um desfecho confiado a Francis Ford Coppola, que estará no Brasil para exibir “Megalópolis” e receber o troféu Leon Cakoff. Confira o que deve ser visto neste fim de semana no evento:

MAMÍFERA, de Liliana Torres (Espanha): O festival South by Southwest, nos EUA, deu o prêmio especial do júri a esta exótica dramédia ibérica no qual Lola (Maria Rodríguez Soto) leva uma vida feliz ao lado do companheiro, Bruno (Enric Auquer), até que uma gravidez inesperada altera todos os seus planos. Ainda que sempre tenha deixado claro que ser mãe não era um objetivo, Lola se sente desafiada pelas expectativas da so-



Manas



Mario de Andrade, O Turista Aprendiz



Záfaro

cidade. Onde: Cinesystem Frei Caneca 4, sexta, 13h

MARIO DE ANDRADE, O TURISTA APRENDIZ, de Murilo Salles (Brasil): O realizador de “Nunca Fomos Tão Felizes” (1984) passeia pelas anotações do inquieto bardo modernista com base em sua visita ao Rio Amazonas, em 1927, anterior à criação de “Macunaíma”. Um ensaio visual sai desse confron-

to da imagem com a prosa, num processo de dição sofisticado. Onde: Espaço Augusta 2, sexta, às 15h10

MANAS, de Marianna Brand (Brasil): Laureado com o prêmio principal da Jornada de Autores/as do Festival de Veneza, este angustiante mergulho da documentarista na ficção explora a violência sexual contra menores na região Norte. A



Mamífera



Piano de Família



Lispectorante

jovem Marcielle (Jamilli Correa), que está tirando seu RG, aos 13 anos, confronta-se com os abusos do pai numa casa ribeirinha sem muita esperança. Seu roteiro é uma aula de sociologia, com Dira Paes de coadjuvante. Onde: Reserva Cultural 2, sexta, às 15h45

PIANO DE FAMÍLIA (“The Piano Lesson”), de Malcolm Washington (EUA): August Wilson (1945-2005) teve a peça “Fences” montada por Denzel Washington na Broadway, em 2010, e depois filmada por ele mesmo, em 2016. Agora, o filho do ator, Malcolm, filma outra peça do mesmo dramaturgo, outrora levada à TV, como telefilme. Na versão atual, uma batalha está se formando na casa dos Charles. No centro da briga está um estimado piano. De um lado, um dos irmãos plane-

ja vender o instrumento para aumentar a fortuna. Do outro, a irmã fará de tudo para manter o único vestígio desse legado familiar. Um tio (papel de Samuel L. Jackson) vai mediar essa guerra. Onde: Cinemateca Espaço Petrobras, sexta, 18h

LISPECTORANTE, de Renata Pinheiro (Brasil): Uma das mais potentes diretoras de arte deste país, respeitada como cineasta por longas como “Carro Rei” (premiado em Gramado em 2021), a realizadora pernambucana brinca de Aki Kaurismäki no Recife, numa narrativa de um humor tão cartunístico quanto o do mestre finlandês. Marcélia Cartaxo é a protagonista, a artista plástica Glória, que volta à sua cidade natal e passa por locais onde Clarice Lispector viveu. Lá, prova do prazer e da força analgésica

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Divulgação



Reas

Divulgação



Madeleine em Paris

Divulgação



Samia

da imaginação. Onde: Reserva Cultural 2, sábado, 15h

REAS, de Lola Arias (Argentina): Um experimento híbrido de documentário e encenação feito pela diretora de "Teatro de Guerra" (2018). Sua narrativa registra a vida carcerária de Yoseli, que foi detida no aeroporto por tráfico de drogas. Na cadeia, conhece Nacho, um homem trans que está ali por estelionato e que montou uma banda de rock dentro da prisão. Em busca de paz, Yoseli se junta às outras detentas para cantar, dançar e reencenar a vida no cárcere em Buenos Aires. Onde: Cinesystem Frei Caneca, sábado, 15h10

OLHE NOS MEUS OLHOS ("Look Into My Eyes"), de Lana Wilson (EUA): Taí "O" documentário estrangeiro da Mostra de 2024. É o tipo de produ-

ção que carece de distribuição urgente no Brasil, por ser um ímã de público. Com a meta de traçar um retrato de um grupo de médiuns da cidade de Nova York, o documentário registra sessões psíquicas particulares de um conjunto bastante distinto de clientes, que fazem questionamentos que não podem fazer em nenhum outro lugar. Gradualmente, os próprios médiuns se tornam os personagens principais do filme, conforme suas motivações e experiências de solidão - e perda - são reveladas. O longa foi exibido antes no Festival de Sundance, na mostra CPH: DOX e na maratona Hot Docs. Onde: Cinesystem Frei Caneca, sábado, às 15h10

MADELEINE EM PARIS, de Liliane Mutti (Brasil): Como um brasileiro queer, andrógino,



Uma Terra Deixada Para Trás

Divulgação



Shikun

Amizade



SHIKUN, de Amos Gitai (Israel): Um diálogo cinematográfico entre o diretor de "Kedma" (2002) e a peça teatral "O Rinoceronte" (1959), de Eugène Ionesco (1909-1994). Sua trama

Divulgação

Omar, uma jovem atleta somali. Onde: Espaço Augusta 4, domingo, 13h30

UMA TERRA DEIXADA PARA TRÁS ("Nei Sha"), de Yang Yishu (China): Conhecida pelos longas "Who Is Haoran" (2006) e "One Summer" (2014), a realizadora do tocante "Lush Reeds" (2018) regressa às telas com um drama filmado numa pequena ilha formada pelo acúmulo de areias flutuantes do rio Yangtze, onde seu protagonista, Tang administra uma fazenda orgânica. Todos esses anos de trabalho, no entanto, fizeram com que ele lidasse frequentemente com dificuldades e fracassos. Paralelamente uma sofrida mãe, que vive reclusa nas montanhas, sai do isolamento para passar alguns dias com a filha, Xiao Yu, que trabalha nessa mesma propriedade. Juntas, essas pessoas vão viver uma ciranda afetiva. Onde: Cinesystem Frei Caneca 5, domingo, 17h40

ZAFARI, de Mariana Rondón (Peru): Regresso às telas da realizadora venezuelana premiada a mundialmente por "Pelo Malo" (2013). Sua nova trama é uma narrativa cheia de estranheza que explora a tensão de um condomínio pobre para onde um hipopótamo é levado num momento de escassez de água para banho, onde um morador já idoso gasta o pouco de forças que tem roendo um bife cheio de nervos. Onde: Espaço Augusta 2, Domingo, 20h10

AMIZADE, de Cao Guimarães (Brasil): Um dos mais inquietos artistas visuais do país costura uma colcha de retalhos audiovisuais, de diferentes matrizes (de película em super-8 a fitas K7, passando por registros de telas de computador), cuja linha de aproximação é a saudade dos artistas com quem travou conexões ao longo de três décadas. Onde: Reserva Cultural 2, Domingo, 21h40

companha situações absurdas de 20 personagens num prédio israelense. A atriz Irène Jacob interpreta a figura mais iracunda do tal prédio. Onde: Cinesystem Frei Caneca, domingo, 13h

SAMIA, de Yasemia Samdereli (Itália): Dirigido pela atriz e cineasta alemã (de origem curda) responsável por "The Night of All Nights" (2018), este longa ganhou menção honrosa no Festival de Tribeca, em Nova York. Sua protagonista, Samia (Ilham Mohamed Osman) desafia tabus correndo pelas ruas de Mogadíscio, capital da Somália, em uma sociedade na qual uma mulher não pode correr. Sua obstinação um dia a levará às Olimpíadas. A trama é baseada no best-seller "Don't Tell Me You're Afraid", de Giuseppe Catozzella, que narra a história real de Samia Yusuf

CRÍTICA / FILME / O QUARTO AO LADO

O filme do ano, até agora, é um 'almodrama'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Vestígios de “Persona” (1966) salpicam Bergman aqui e ali em “O Quarto ao Lado” (“The Room Next Door”) - o ganhador do Leão de Ouro de Veneza em 2024 -, sobretudo pela justaposição de duas vivências femininas que se amalgamam (até certa medida) em momento de calvário. São reminiscências cinéfilas sutis, pois o que há de mais explícito nesse novo Almodóvar são as alusões à melancolia que transborda das experiências cromáticas do pintor Edward Hopper (1882-1967), em especial na tela “Room in New York” (1932).

O colorido sempre foi uma das marcas do cineasta espanhol e a base da cor, nesse diálogo dele com o livro “What Are You Going Through”, de Sigrid Nunez, parece ser a paleta de Hopper, pincelando o estudo do indivíduo em seus momentos mais introspectivos. Por vezes, vemos brandura em cena, num reflexo de um processo criativo que o diretor de “Fale Com Ela” (Oscar de Melhor Roteiro Original em 2003) chama de “fase de contenção”, mas há momentos em que a vermelhidão se espalha pela tela, vide o batom rubro nos lábios de Tilda Swinton. Essa vermelhidão não arrefece o que existe de melancólico na narrativa - pelo contrário, exalta essa sensação.

A trilha perseguida aqui evoca um dos títulos menos festejados do artesanato autoral manchego: “Julieta” (2016). É um exemplar típico do “almodrama”. Quem cunhou esse termo foi o baiano Caetano Veloso, ao se referir à estética de seu amigo ibérico. Existe ainda um outro conceito para definir a estética de Almodóvar: metamelodrama. O verbete é parte das pesquisas de dramaturgia feitas pelo professor (também da Bahia) José Carvalho, considerado o mais prestigiado teórico sobre roteiro no Brasil, que leciona como escrever para cinema e TV no Rio e em São Paulo na Oficina



Divulgação

A correspondente de guerra Martha (Tilda Swinton) e a escritora Ingrid (Julianne Moore) vão ampliar a simplicidade numa trama rodeada pela eutanásia

Roteiraria. Com base nas reflexões antropológicas do americano David Bordwell e nos ensaios geopolíticos do português João Maria Mendes, Carvalho consolidou o princípio do “metamelodramático”. Ele parte da ideia de que o realizador de “Má Educação” (2004) cria seu universo com base no tecido visual “vivo” derivado do melodrama clássico e de suas releituras modernas, de Douglas Sirk a Rainer W. Fassbinder. De fato, o cáldo “Julieta” tirava sua percepção da condição feminina de “lições” que o cinema do passado nos deu, potencializadas por um diálogo com a literatura de Alice Munro. “O Quarto ao Lado” faz o mesmo, visitando Bergman... e arrastando Hopper como uma ân-

cora geográfica, como a afirmação de sua medula americana.

Não se trata de um Almodóvar in Spanish, que habla a língua da Espanha, e, sim, um filme em língua inglesa, como foram “A Voz Humana” (2020) e “Estranha Forma de Vida” (2023). Trata-se também de um exercício de elegância pleno, formalmente mais depurado do que Pedro A. jamais foi. Pode-se até falar no adjetivo “sereno” no trânsito do longa pelo código histórico do melodrama. A recorrência dos verbos “perecer” e “partir” na espinha dorsal do enredo é uma justificativa para os takes de luz mais outonal na fotografia de Edu Grau, que filtra o olhar barroco habitual do mestre por trás de “Dor e Glória” (2019).

As elipses, marcas gramaticais da obra de Almodóvar, vão e voltam ao longo da narrativa, na montagem de Teresa Font, que ferve no terço final, sobretudo numa sequência (de virada no roteiro) em que um policial de credo fundamentalista (Alessandro Nivola) entra em cena. A trilha sonora, composta por Alberto Iglesias, também aquece o estudo sobre cumplicidade que se desenrola no enredo.

Tudo parte do processo de (re)aproximação de duas amigas há muito distantes. No meio do lançamento de um livro novo, a escritora de autoficção Ingrid (Julianne Moore) descobre que a correspondente de guerra Martha (Tilda Swinton), de quem era íntima, está muito doente, com câncer.

Elas trabalharam juntas na mesma revista, mas Ingrid tornou-se uma romancista, enquanto Martha consagrou-se em coberturas jornalistas de confrontos armados.

O reencontro delas é doce e revive muitas histórias. A melhor delas envolve um fotógrafo, que era parceiro de trabalho da repórter - papel dado a Juan Diego Botto -, e o um padre (o ótimo Raúl Arévalo). Muitos casos são trocados até que a quimioterapia de Martha deixa de surtir efeito. Ali, a personagem de Tilda decide tomar uma pílula que acabe com a vida - com dignidade, sem sofrimento. O medo e a solidão do fim fazem com que ela peça ajuda à antiga colega, uma vez que várias outras amigas lhe recusaram o auxílio. Para isso, as duas têm de ficar juntas numa casa, no campo, isoladas. É nesse momento que a autora vivida por Julianne se abre para um oceano de inquietações existenciais, extraindo da atriz um desempenho inquietante. A questão moral e até certo ponto criminal (segundo a Lei, nos EUA) não incomoda Ingrid. O seu incômodo é ver alguém de que gosta (muito) partir. A atuação colossal de Julianne é amplificada na troca com uma figura que galvaniza os combates filosóficos e sentimentais do filme: seu ex-amante e atual amigo, Damian, um autor de ensaios teóricos interpretado por John Turturro em estado de graça.

É ele quem vai ajudar Ingrid a se preparar para o torvelinho afetivo que virá com a despedida de Martha (se esta for possível, e viável). Damian é um caminho para que Almodóvar fale de eutanásia a partir da acomodação (de feridas, de desilusões), com citações explícitas à prosa de James Joyce (1882-1941) e a uma obra-prima que John Huston (1906-1987) filmou a partir da literatura dele, “Os Vivos e os Mortos”, de 1987. Igualmente tocante é uma menção a Buster Keaton (1895-1966) e ao seu humor cinemático. São referências a paixões de um contador de histórias que desde “Tudo Sobre Minha Mãe” (1999) alcançou o Panteão.

Cinema brasileiro perde um de seus documentaristas mais relevantes

Morre Wladimir Carvalho, aos 89

Vladimir Carvalho, um dos mais importantes documentaristas brasileiros, morreu na manhã desta quinta-feira (24), aos 89 anos. O cineasta sofreu um infarto em Brasília, foi internado quando seus rins pararam de funcionar e foi submetido a hemodiálise, mas não resistiu. A informação foi confirmada pela família do cineasta.

Um dos maiores nomes do cinema brasileiro, Carvalho produziu mais de dez documentários sobre política e história nacionais em mais de 50 anos de carreira.

“Perdemos um gigante que nos deu ‘O País de São Saruê’ (1971), entre outras pérolas. Alvejado por patrulhas fardadas muitas vezes, numa carreira iniciada em 1960, Vladimir deu ao cinema nacional um épico, ‘Conterrâneos Velhos de Guerra’ (1991). Rodou ainda refinados retratos de artistas como o premiado ‘Rock Brasília’ (2011), sobre Renato Russo (1960-1996), e ‘Cícero Dias – O Compadre de Picasso’ (2016). Foi professor de muitas vezes autorais do audiovisual brasileiro, como professor da UNB, e, fora de lá, em sua própria casa materna, formou um dos fotógrafos mais respeitados da América Latina: o também cineasta Walter Carvalho, seu irmão mais moço”, lamenta Rodrigo Fonseca, crítico de cinema do Correio da Manhã.

E a este jornal, Carvalho concedeu um depoimento contundente durante a pandemia: “Nunca vi o cinema como expressão de um deleite próprio e, sim, como um instrumento de reação, como um veio de

participação na sociedade que nos leve à mudança. Eu tive covid e penei com as consequências que essa doença deixa. Uma doença que pode voltar se a gente facilitar pra ela. E isso num momento em que o Brasil vive um inferno. Nós estamos passando por uma situação tão difícil que deixa no artista a sensação de estar indo pra guerra, como se fosse Hemingway indo pro front escrever”.

O cineasta nasceu em Itabaiana, na Paraíba, em 1935. Em 1959 começou a trabalhar como crítico em um programa de rádio, “Luzes do Cinema” e, neste mesmo ano, Linduarte Noronha o convida para escrever o roteiro de “Aruanda”, do qual também seria assistente de direção, com João Ramiro Mello, em 1960.

Carvalho conheceu Glauber Rocha na Universidade da Bahia, em Salvador, e participou da vertente de documentários do movimento do cinema novo. Produziu seu primeiro filme em 1962, o curta-metragem “Os Romeiros da Guia”, feito com João Ramiro.

Foi convidado por Eduardo Coutinho para ser assistente em “Cabra Marcado para Morrer”, mas as filmagens foram interrompidas com o golpe militar de abril de 1964. Trabalhou também em “Opinião Pública”, de 1966, com Arnaldo Jabor.

Em 1967, o fotógrafo Fernando Duarte lhe convida para realizar o projeto do núcleo de produção de documentários do Centro-Oeste na Universidade de Brasília, onde passou a lecionar.

Sua principal obra é “O País de São Saruê”, sobre as secas constantes na região de Rio do Peixe, na Paraíba, de 1971.

Criou a Fundação Cinemémória, que abriga todo seu acervo -que conta com 23 títulos de documentários, mais de 5.000 livros, equipamentos de projeção cinematográfica, fotos, roteiros, materiais audiovisuais em diversos formatos, entre outros- e fundou a Associação Brasileira de Documentaristas em 1994.

Divulgação

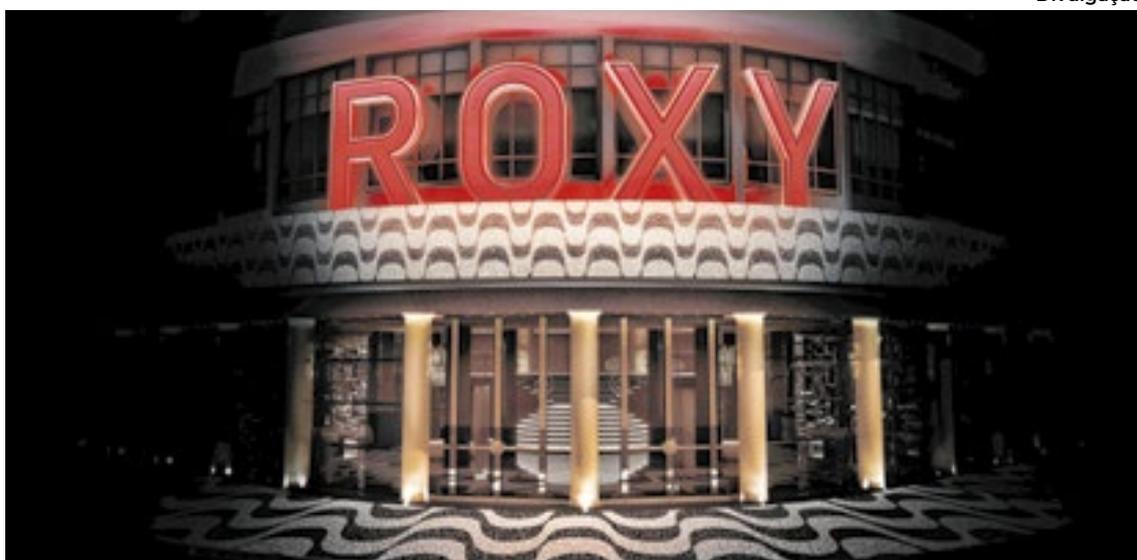


Contemporâneo de Glauber Rocha, o documentarista Wladimir Carvalho foi um dos pilares estéticos do Cinema Novo

Wladimir Carvalho no set de filmagens de ‘O País de São Saruê’ (1971), um retrato sobre a seca em sua Paraíba natal

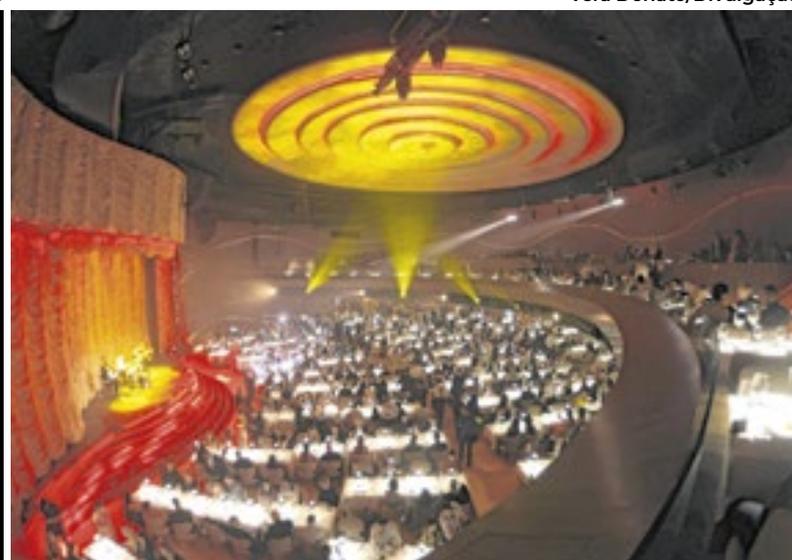
Reprodução





A fachada do Roxy Dinner Show, que revitaliza antigo cinema Art Déco

Divulgação



Aspecto geral da plateia

Vera Donato/Divulgação

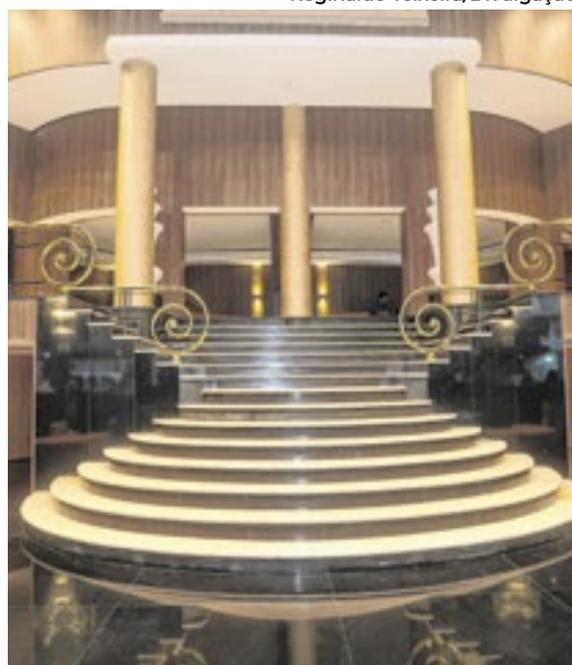
Roxy Dinner Show abre em Copacabana

O novo espaço promete uma experiência sensorial que une cultura e gastronomia

Por Natasha Sobrinho
(@restaurants_to_love)
Especial para o Correio da Manhã

Abriu na quinta-feira (17), em Copacabana, no local em que funcionava o icônico cinema Roxy: o Roxy Dinner Show. O local foi todo restaurado e transformado em um espaço de entretenimento, unindo cultura e gastronomia, em um mesmo lugar.

Ao ingressar no consagrado foyer, o público poderá perceber o equilíbrio entre a modernidade dos elementos atuais e os detalhes construtivos preservados desde a inauguração, com destaque para a escada principal, cujo o piso foi restaurado, além dos guarda-corpos dourados em suas formas originais e as colunas internas em granito preto. Arandelas e lustres pendentes em estilo déco foram instalados, completando a ambientação e remetendo ao estilo



Foyer com escada principal

Reginaldo Teixeira/Divulgação



O show musical da casa passeia por vários aspectos da cultura brasileira

Vera Donato/Divulgação

Tomas Rangel/Divulgação



Texturas de chocolate, uma das sobremesas do jantar

da época original.

Na plateia, a cúpula luminária no teto foi redescoberta e apresentada conforme o projeto original, com 280 metros quadrados e mais de duas toneladas, tornando-se o elemento arquitetônico mais emblemático do Roxy, revitalizado para resgatar seu apogeu e, ao mesmo tempo, oferecer uma estrutura contemporânea para o entretenimento.

No palco de aproximadamente

400 metros quadrados, o público encontrará um painel de LED côncavo, com tecnologia 4D, que proporciona uma experiência cinematográfica imersiva em 180°

Inspirado em casas de shows pelo mundo como o Moulin Rouge, em Paris, o local promete ser um novo destino turístico no Rio. Com capacidade para 680 pessoas, a casa recebe para sua abertura o espetáculo "Aquele Abraço", dirigido por

Abel Gomes, responsável pelas cerimônias de abertura e encerramento das Olimpíadas Rio 2016, em um show que celebra a diversidade e a alegria do Brasil. Com duração de 1h30, dezenas de cantores, atores, bailarinos e músicos apresentam um show que viaja pelos ritmos e expressões culturais do Brasil, do samba ao funk, do frevo à Bossa Nova, passando pela poesia, pela street art e pelos costumes de diferentes regiões.

"O Rio é único do ponto de vista do turismo, com altas taxas de ocupação hoteleira, mas carecia de uma opção de entretenimento noturno de alto padrão para cariocas e turistas que visitam a cidade. Por isso resolvi criar e investir no Roxy Dinner Show, que promete ser o maior espetáculo desse tipo no mundo e uma nova referência em entretenimento no Brasil", afirma Alexandre Accioly, empreendedor à frente do empreendimento.

O jantar será servido ao longo de duas horas, enquanto o público aprecia música ao vivo com o trio da Banda Roxy, que tocará sucessos da Bossa Nova e MPB. A experiência gastronômica é assinada pelo premiado chef Danilo Parah. A cada estação do ano, renomados chefs serão convidados a criar cardápios exclusivos, sempre com entrada, prato principal e sobremesa.

SERVIÇO

ROXY DINNER SHOW

Rua Bolívar, 45 - Copacabana
De quinta a sábado (19h30 às 23h15) e domingos (19h às 22h45) | Ingressos a partir de R\$ 384 para cariocas e moradores do Rio

Emprego? Vá ao teatro

Comédia brinca com ansiedade na busca por um posto de trabalho

Por Mayariane Castro

A peça “Entrevista de Emprego”, do BR S.A. Coletivo de Artistas, explora a ansiedade e os desafios enfrentados por pessoas em busca de trabalho. O monólogo, que tem a atriz Ana Vaz no papel principal e é dirigido por Denis Camargo, será apresentado em teatros de Taguatinga, Planaltina e Gama, além de unidades de ensino do Distrito Federal. O projeto é realizado com apoio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF).

As apresentações ocorrem começaram na quinta-feira (24 e vão até o dia 29 de outubro. A

entrada é gratuita. A peça utiliza uma linguagem não-verbal, o que permite que o público se conecte emocionalmente com a protagonista, que tenta conseguir um emprego de carteira assinada. Mesmo sem roteiro escrito e falado, só com gestos, todos os sentimentos como angústia, nervosismo, aflição são transmitidos ao público.

“É uma peça muito única e que entra no corpo, mesmo que não existam palavras para retratar os diálogos, monólogos e sensações. Retrata uma realidade dura e fria que todos já passaram na vida e, quem ainda não passou, vai passar, que foi representado de um forma muito real,



Thiago Sabino/Divulgação

trazendo um quê de comicidade ainda pra este trabalho. Ele não traz apenas a angústia e o desespero de procurar um emprego, mas também a luta e a resiliência que essas pessoas enfrentam diante dessa situação difícil”, comenta Catarina (ela não quis dar seu sobrenome), uma das espectadoras.

Somente por gestos, a angústia da procura por emprego

Sem falas, somente por gestos

Espectáculo usa narrativa não-verbal para expressar sentimentos

A narrativa se desenrola em uma sala de espera, onde a protagonista enfrenta uma série de desafios e tenta manter o controle emocional diante da concorrência e dos fracassos. A atriz Ana Vaz comenta que a mistura de sensações interpretadas no palco reflete expectativa, esperança e frustração, sentimentos comuns em processos seletivos. A personagem apresentada por Ana Vaz almeja o tão sonhado emprego de carteira assinada. Diante da concorrência e de sucessivos fracassos, ela passa por várias situações em um ambiente nada fácil de encarar.

O espetáculo é descrito pelos criadores como uma reflexão sobre o desemprego e seus impactos psicológicos em relação a pessoas desempregadas. O diretor Denis Camargo destaca que, embora o tema seja sério, a peça não se concentra apenas na miséria humana, mas busca retratar a resiliência e

a luta das pessoas que enfrentam essa realidade. “Apesar de falarmos de um assunto sério, não nos apegamos à desgraça ou à miséria humana. A ideia é retratar o ser humano que não desiste, que luta e que não se entrega”, explica o diretor Denis Camargo.

Além das apresentações nos teatros, “Entrevista de Emprego” também será levada a escolas. As sessões voltadas para a comunidade escolar ocorrerão em instituições como o Colégio Chicão, em São Sebastião, e o IFB Subcentro Leste, em Samambaia, entre os dias 18 de outubro e 1º de novembro. Junto às apresentações, será oferecida uma oficina gratuita de comicidade com Ana Vaz, prevista para o dia 25 de outubro no Teatro Lieta de Ló, em Planaltina.

Ana Vaz, além de atuar, é co-criadora da peça e possui formação em Arte pela Universidade de

Ausência de palavras para expressar sentimentos



Thiago Sabino/Divulgação

Brasília (UnB), com especialização em palhaçaria. Ela já foi reconhecida como melhor atriz em festivais de teatro, destacando sua experiência na área. Denis Camargo, diretor e também criador, é doutor em Artes Cênicas pela UnB e co-fundador do coletivo, que surgiu em 2009. “Na mistura de sensações que interpreto no palco, é possível notar expectativa, esperança e frustração”, explica a atriz.

Reflexões

O trabalho do BR S.A. Coletivo de Artistas visa não apenas entreter, mas também provocar reflexões sobre a realidade do desemprego e a luta contínua por dignidade e oportunidades no mercado de trabalho. A peça “Entrevista de Emprego” emerge como um importante espaço de diálogo sobre questões contemporâneas, utilizando o teatro como meio de conscientização.

TEATRO

“O Menino e o Tempo”

*O espetáculo infantil “O Menino e o Tempo” continua sua temporada com apresentações gratuitas no Brasília Shopping, sempre aos sábados, às 11h, até o dia 16 de novembro. Além de oferecer uma experiência teatral lúdica e sensível, o projeto agora convida o público a participar de uma ação solidária. Nas próximas sessões, haverá um ponto de coleta para doação de alimentos não perecíveis e brinquedos, que serão destinados a crianças e famílias em situação de vulnerabilidade. Acontece todos os sábados, até 16/11, às 11h, no Brasília Shopping.

Espectáculo “Eternos”

*A adolescência é um período marcado por intensas mudanças físicas e comportamentais. É uma fase de inúmeras descobertas: novos interesses, sentimentos, desejos e uma percepção renovada de si e do mundo ao redor. “Eternos” aborda justamente essas cicatrizes que a adolescência pode deixar. Sessões abertas ao público no dia 26 de outubro, sábado, às 17h e às 20h, no CEU das Artes de Ceilândia (QNM 28). Ainda no local, dia 2 de novembro, às 17h e às 20h, e no dia 3 de novembro, às 19h.

Casa dos Sonhos

*Teatro, dança contemporânea e artes visuais se mesclam no espetáculo “Casa dos Sonhos”. A produção traz o sonho como elemento fundamental e transversal da experiência humana, responsável pela criação de um espaço mental de ilusão necessária para o desenvolvimento simbólico, explorado em diversas vertentes. A peça, inédita, é realizada com recursos da Lei Paulo Gustavo e estreia nos dias 25, 26 e 27 de outubro, sempre às 20h, na Quadra 5 Conjunto F Casa 1/Lote do Varjão. Depois, retorna em cartaz nos dias 1º, 2, 3, 8, 9 e 11 de novembro no mesmo horário e local. Gratuito. Livre para todos os públicos. Mais informações no Instagram: @zileidestudium.

Circo Teatro Artetude

*O Circo Teatro Atitude, formado pelos irmãos Ankomarcio e Ruiberdan Saúde, celebra 24 anos de trajetória com a Caravana Artetude com o tema Antes Artes do que Nunca, porque rir é o melhor remédio durante a vida.



Circo Teatro Artetude segue com caravana pelo DF

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / SUGESTÕES: CORREIOCULTURAL@GMAIL.COM

Divulgação



Espectáculo “O Menino e o Tempo”

A trupe leva o espetáculo a quatro regiões administrativas do DF até novembro. A Caravana aterrissa na Praça do Bosque da Candangolândia, neste sábado (26), às 17h. No mês de novembro, a trupe passa também por São Sebastião.

SHOW

Arena do Samba

*Conhecido por receber grandes shows, o tradicional e emblemático Arena Futebol Clube, no Setor de Clubes, traz de volta o projeto Arena do Samba. Para animar as noites da capital federal, a sua primeira edição de retorno está marcada para hoje (25), às 20h, com entrada gratuita. O evento vai receber os shows do grupo Samba Nosso, Carol Nogueira,

Divulgação/Ninjas in Pyjamas



Circuito Brasileiro de Counter-Strike

Divulgação



Projeto Cultural Taguatinga Plural

Divulgação



Para os fãs do sertanejo

Dudu 7 Cordas e da DJ Paula Torelly.

Pedro Paulo & Matheus

*Neste fim de semana, a Fazenda Churrascada Brasília oferece uma programação dedicada aos fãs do sertanejo. Hoje (25) com a dupla Robson e Raphael, seguida por Pedro Paulo & Matheus, que entra às 20h com uma seleção de modões variados. Já o sábado, dia 26, também será repleto de ritmos sertanejos, com a dupla Ricco e Rony, subindo ao palco às 15h, e Ju Marques, que se apresentará às 20h.

Halloween com Papatinho

*O Completo Fora do Eixo, localizado no SAAN, se prepara para apresentar o Halloween. A casa vai sediar a 4ª edição do evento "Estranho Mundo Fora do

Julia Salustiano



Exposição 'Meu nome é um caminho'

Divulgação



halloween com show de Papatinho

Eixo - Circo de Terror", que promete uma mistura intensa de diversão, sustos e música em um ambiente com temática circense. O evento acontece de quinta (24) a domingo (27), com shows de artistas renomados, como Papatinho, Luccas Carlos e BenzaDeus. Ingressos a partir de R\$ 30 e classificação indicativa de 18 anos.

FESTIVAL**Brasas Festival**

*O Brasas - principal festival de churrasco da capital e um dos maiores do Centro-Oeste, vai ganhar uma segunda edição em 2024. Realizado pela OSCs - Instituto Organizacional Federal (IOF), com apoio da Secretaria de Turismo do Distrito Federal (Setur-DF), SESC, Feco-

mércio e Ministério do Turismo, o evento ocorre neste final de semana, de 25 a 27 de outubro, de sexta a domingo, no Estacionamento 1 do Parque da Cidade

Dreamland Festival

*Brasília pulsa pela música eletrônica. Um dos gêneros musicais mais consumidos pelos brasilienses, a cidade sempre está recebendo grandes artistas da cena e aproveitando este bom momento, produtores de eventos da cidade vão dar vida a um novo festival eletrônico! Nomeado de Dreamland, a label será lançada hoje (25), a partir das 22h, no Salão A do Clube AABB. Ingressos e custam a partir de R\$ 60 (feminino) e R\$ 80 (masculino).

PROJETO**Counter-Strike DF**

*Até o dia 27 de outubro, Brasília recebe o Circuito Brasileiro de Counter-Strike (CSBR), uma das maiores competições de e-sports do país. O evento será promovido no Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade e recebe o apoio da Secretaria de Esporte e Lazer do Distrito Federal (SEL-DF). Acontece no Pavilhão de Exposições, Parque da Cidade. A entrada para o evento é gratuita, mas é necessário retirar os ingressos pelo site Sympla.

Taguatinga Plural

*O Alameda Shopping mais uma vez mostra a importância de apoiar projetos sociais que contemplam vários públicos. Entre os dias 29 e 31 de outubro, acontece no Espaço de Eventos do Piso Avenida, a exposição "Projeto Cultural Taguatinga Plural - Educação Antirracista e Herança Indígena", com a participação de 30 escolas públicas do DF.

EXPOSIÇÃO**Meu nome é um caminho**

*Da união das poéticas, histórias e pesquisas de Diana Salu e Francisco Rio, surgiu a exposição "Meu nome é um caminho" que está na Galeria A Pilastra, no Guará II. O projeto une poesia, dança, brincadeira tradicional, artes gráficas, objetos e outras linguagens artísticas, com o intuito de investigar tempo, memória, tradição e transformação a partir de subjetividades trans. Agora, na reta final, a iniciativa traz diversas atividades para adultos e crianças.

Grafite é, sim, cultura

Lei sancionada por Lula reconhece a arte. Veja exemplos de Brasília

Léo Rodrigues/Agência Brasil

Por Reynaldo Rodrigues

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou, na última terça-feira (15), uma lei que reconhece a charge, a caricatura, o cartum e o grafite como expressões da cultura brasileira. A nova legislação, originada do Projeto de Lei N° 24/2020 e aprovada pelo Senado em setembro, valoriza manifestações artísticas que, até então, eram frequentemente vistas como marginais ao patrimônio cultural do Brasil. Segundo o governo, a proposta visa destacar a presença dessas práticas na cultura e na realidade de milhões de brasileiros, além de valorizar esses gêneros como importantes manifestações culturais, re-



Grafite não é pichação. É arte. Agora, reconhecida por lei

conhecendo sua contribuição para a ampliação da riqueza e da identidade artística do país.

“Aprovamos aqui a questão

dos grafites, do cartum, que poderia ser uma lei tranquilamente homenageando o nosso querido Henfil, homenageando o

nosso querido Ziraldo, que já se foi, e tantos outros cartunistas e companheiros que tiveram um trabalho extraordinário”, afir-

mou o presidente Lula durante a sanção.

As diretrizes sobre pichação e grafite no Brasil geram confusão e polêmica. Muitas pessoas não sabem diferenciar os dois termos ou não compreendem por que a pichação é crime, enquanto o grafite não é.

Tanto a pichação quanto o grafite são pinturas realizadas em muros, imóveis ou monumentos, públicos ou privados. Essa semelhança é a principal causa de confusão entre as duas práticas. No entanto, a diferença está na forma de execução.

A pichação é geralmente feita com tinta preta e composta por símbolos ou frases, enquanto o grafite se caracteriza por desenhos.

TOYS: do Quadrado para o mundo

Artista brasileiro celebra o impulso que nova lei dará

O grafite, com suas formas e cores variadas, possui valor estético e é amplamente aceito como uma expressão artística contemporânea.

Conforme o artigo 65 da Lei 9.605/98, a pichação é classificada como crime ambiental e de vandalismo. Além disso, o ato de pichar pode ser enquadrado como crime de dano, previsto no Código Penal, aplicável tanto a patrimônios públicos quanto privados.

De Brasília para o mundo, o grafiteiro Daniel Morais, ou simplesmente TOYS, nasceu em

1991, cria personagens desde a infância e começou a desenhar em muros aos 13 anos, no Guarã. Formado em Publicidade e Propaganda, ganhou destaque ao criar o personagem “toyzin”, que chamou a atenção nas ruas de Brasília.

Hoje, com mais de 30 exposições ao redor do mundo, o trabalho de TOYS transita entre diferentes materiais, objetos e linguagens artísticas, da publicidade à ilustração digital. Consolidado como um dos principais muralistas do Distrito Federal,



Divulgação

seus trabalhos já percorreram diversos cantos do Brasil e países da Europa e América Latina, como Argentina, Chile, Peru, França, Alemanha, Áustria, Portugal, Reino Unido e Espanha.

Em entrevista ao Correio da Manhã, o artista se mostrou otimista em relação à nova lei, con-

siderando-a um passo importante para o movimento da arte urbana, não apenas no Distrito Federal, mas em todo o Brasil. Segundo ele, as manifestações artísticas brasileiras necessitam de valorização e recursos. “Eu fico muito feliz de fazer parte desse momento, de estar na rua

com meu trabalho, sabendo que a arte urbana, o grafite, pode ter um futuro brilhante pela frente. Da minha parte, pretendo contribuir ao máximo para agregar, crescendo e evoluindo, deixando minha marca na cena do grafite na cidade”, afirmou.

Com uma agenda agitada, o artista, que recentemente expôs seus trabalhos no Mezanino da Torre de TV, neste mês foi homenageado no Pier 21, sendo considerado uma das “estrelas” da capital.

Questionado sobre o impacto da nova legislação em seu trabalho, Daniel vê a mudança como um reconhecimento de anos de dedicação de diversos artistas. “Eu fico muito feliz, porque, querendo ou não, são ações como essa que acabam valorizando mais a nossa arte e ajudam as pessoas a entenderem o que é essa expressão. Toda a cena cresce, e todos saem ganhando. Milhões de artistas serão positivamente impactados”.

Procura emprego?
Vá ao teatro!

PÁGINA 5



Cinema do Brasil
perde Wladimir
Carvalho

PÁGINA 15



Agora é lei:
grafite é arte

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Ivan, o Incrível!

Ivan Lins tem seus grandes sucessos interpretados pela Orquestra MPB Jazz refida pelo maestro Renato Coelho

Daniel Ebendinger/Divulgação

Um dos mais aclamados compositores brasileiros retorna ao Theatro Municipal acompanhado pela Orquestra MPB Jazz

Por **Affonso Nunes**

Um dos compositores brasileiros de maior prestígio internacional e criador de harmonias sofisticadíssimas, Ivan Lins volta ao palco do Theatro Municipal na próxima terça-feira (29) acompanhado pela Orquestra MPB Jazz, sob a regência do maestro Renato Coelho, para repetir o show que lotou a mesma casa há um mês.

O músico que já teve criações interpretadas por gigantes do jazz como Ella Fitzgerald e Diana Krall e até pelo astro pop Sting apresenta versões orquestrais para grandes sucessos de sua carreira como “Madalena”, “Vitoriosa”, “Lembra de Mim”, “Vieste”, “Começar de Novo”, “Dinorah Dinorah” e “Novo Tempo”, para ficar por aqui.

Atualmente vivendo em Lisboa, Ivan acaba de fazer uma turnê pela Europa e nesse momento, está em São Paulo, preparando um álbum de músicas inéditas. A gravação do novo trabalho está sendo captada e vai se

transformar em um documentário sobre a trajetória do artista, previsto para ser lançado em 2025, ano em que ele completará 80 anos de vida e 60 de carreira.

“Esse encontro com o Ivan Lins foi inusitado. Nós tínhamos uma programação para realizar no Theatro Municipal do Rio, e nós íamos fazer um tributo a Frank Sinatra com um cantor de Los Angeles. Porém, teve um imprevisto de data, não deu pra conciliar. Então, mexendo no Spotify, o primeiro artista que apareceu pra mim foi o Ivan Lins. Pensei: Caramba, será que conseguimos fazer um show com o Ivan? Descobri o contato dele, tinha data disponível e começaram as negociações. Não havia arranjo nenhum para essa orquestra, resolvemos fazer tudo inédito, em relação aos arranjos (do Jessé Sadok e do Rafael Rocha). E agora, o projeto da orquestra

deu certo, chama-se MPB Jazz, que trabalha com os principais artistas da MPB, usando elementos do Jazz” - conta o maestro e produtor do show, Renato Coelho.

Vencedor de inúmeros prêmios internacionais, em 2005 recebeu o Grammy Latino na categoria “Melhor Álbum do Ano”, sendo o primeiro e único cantor/compositor de língua portuguesa a conseguir tal feito até hoje.

SERVIÇO

IVAN LINS & ORQUESTRA MPB JAZZ
Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia) | 29/10, às 19h
Ingressos: Frisa ou camarote – R\$ 350 (individual) | plateia – R\$ 350 | balcão nobre – R\$ 300 | balcão superior – R\$ 250 | balcão superior lateral – R\$ 220 | galeria – R\$ 200 | galeria lateral – R\$ 180